
Capítulo 4

O nome no papel

Helena não demonstrou reação.

Dobrou o bilhete com a mesma calma com que recolheria um fio de cabelo da toalha e o escondeu sob o guardanapo. Depois voltou a atenção para o prato à sua frente, embora o apetite já tivesse se tornado uma abstração distante.

Evelina.

O nome parecia antigo. Bonito demais para aquela casa. E, ainda assim, carregado de peso. Não era só o nome de uma mulher proibida. Era o nome de uma ferida.

Do outro lado da mesa, Lorenzo continuava observando com aquele ar de quem assistia a uma peça cuja última cena já conhecia.

Helena desviou o olhar primeiro. Não por submissão. Por cálculo.

A conversa prosseguiu em torno dela como água escura passando por pedras. Augusto falava sobre compromissos. Constança comentava um evento beneficente. Teresa concordava com frases que não importavam. Dante permanecia em silêncio por longos intervalos, como se a simples presença dele bastasse para controlar o rumo da mesa.

Mas Helena já não prestava atenção nas palavras. Prestava atenção nos vazios entre elas.

Toda vez que o assunto ameaçava encostar na ala antiga, numa mulher do passado ou em qualquer coisa minimamente real, alguém mudava de rota. Constança fazia isso melhor que os outros. Augusto fazia de forma mais bruta. Teresa fingia não perceber. Lorenzo percebia tudo e se divertia. E Dante... Dante parecia medir o quanto Helena suportaria descobrir de uma vez só.

Ela odiava isso nele.

O fato de ele parecer sempre saber mais. E, pior, parecer saber exatamente em que momento o medo de alguém virava ação.

O jantar terminou sem outra explosão visível. Álvaro não voltou. O café foi servido num salão menor, mas Helena recusou com educação impecável e pediu licença, alegando cansaço.

Constança a observou por um instante longo demais.

- Natural. Foi um dia marcante.
- Foi instrutivo - respondeu Helena.

O sorriso de Constança não mudou.

- Espero que encontre conforto nesta casa.

Helena sustentou o olhar dela.

- Espero encontrar verdade.

A resposta pairou no ar por meio segundo, fina e afiada.

Foi Dante quem se levantou.

- Eu a acompanho.
- Não precisa - disse Helena.
- Precisa, sim - respondeu ele, no mesmo tom baixo de sempre.

Aquilo era irritante. Porque soava como ordem, mas também como aviso. E naquela casa era cada vez mais difícil separar uma coisa da outra.

Os dois deixaram o salão em silêncio.

Assim que dobraram o corredor e ficaram longe o suficiente dos demais, Helena diminuiu o passo e parou. Virou-se para encará-lo.

- Evelina.

Dante também parou.

Nenhuma surpresa no rosto. Nenhum sobressalto. Apenas um endurecimento discreto da mandíbula.

- Quem lhe deu esse nome?
- Então ele existe.
- Eu perguntei primeiro.
- E eu não estou com vontade de obedecer.

O olhar dele desceu por um instante até a mão dela, como se avaliasse se ela ainda escondia o bilhete.

- Foi Sara?

Helena não respondeu.

Dante soltou o ar pelo nariz, impaciente pela primeira vez desde que se conheceram.

- Isso foi imprudente.
- Por parte dela ou por parte de quem passou anos escondendo a verdade atrás de móveis caros?
- Você ainda não sabe qual é a verdade.
- Ótimo. Me conte.

Ele deu um passo mais próximo.

- Não aqui.

Helena quase riu.

- Você tem um talento impressionante para repetir essa frase.
- E você tem um talento ainda mais impressionante para ignorar quando ela é necessária.
- Talvez porque, até agora, ela só tenha servido para manter você confortável.

Os olhos dele escureceram um pouco.

- Acha mesmo que estou confortável?

Ela o encarou em silêncio.

Não. Não achava. Havia algo tenso demais sob o controle daquele homem. Algo que não era culpa exatamente. Nem medo comum. Era outra coisa. Como se ele estivesse equilibrando várias ameaças ao mesmo tempo e calculando qual cairia primeiro.

Mas Helena não lhe daria esse reconhecimento.

- Quem era Evelina? - perguntou outra vez.

Dante demorou alguns segundos antes de responder.

- Alguém que não deveria ter sido esquecida.
- Então por que foi apagada?
- Porque certos nomes continuam perigosos mesmo depois da morte.

A resposta gelou a espinha dela.

- Ela morreu por quê?

Ele sustentou o olhar de Helena.

- Essa pergunta depende de quem responde.
- E a sua resposta?

O silêncio veio pesado.

- Ainda não.

Helena sentiu a irritação se transformar em algo mais afiado.

- Você quer me proteger ou quer me controlar?
- Nesta casa, às vezes é a mesma coisa.
- Para homens como você, talvez.
- Para mulheres como você, muitas vezes também.

Aquilo a atingiu mais fundo do que deveria.

Porque havia verdade ali. Uma verdade amarga. Mulheres como Helena aprendiam cedo a sobreviver dentro das margens que outros desenhavam. A diferença era que ela sabia disso. Não romantizava prisão só porque vinha com etiqueta.

- Não me coloque numa categoria para me fazer engolir silêncio - disse ela.
- Não estou pedindo silêncio. Estou pedindo tempo.
- Tempo para quê?
- Para descobrir em quem você errou menos ao confiar.

Helena franziu a testa.

- Menos?
- Aqui dentro, confiança total é um suicídio social.
- E fora daqui?
- Fora daqui - disse ele, mais baixo -, talvez você já tivesse sido mais feliz sem me conhecer.

A frase não soou como charme. Soou como fato. E isso a perturbou de um jeito que raiva nenhuma resolvia.

Antes que ela respondesse, Dante ergueu levemente o rosto, atento a um som vindo do fim do corredor. Passos. Alguém se aproximava.

No segundo seguinte, Constança surgiu da curva com a elegância intacta.

- Interrompo algo?
- Não - disse Helena.
- Sim - disse Dante, ao mesmo tempo.

Constança olhou de um para o outro e sorriu, satisfeita com a divergência.

- Helena, imaginei que talvez quisesse chá antes de dormir. Mandei levarem ao seu quarto.

Dante se voltou lentamente para a tia.

- Não precisava.
- Gentileza não costuma precisar de autorização.
- Nesta casa, costuma.

O sorriso dela esfriou um grau.

- Está exagerando.
- Estou observando.

Constança ignorou a última frase e voltou-se a Helena.

- Espero que durma bem. As primeiras noites em lugares novos costumam despertar lembranças estranhas.

Ela disse aquilo como quem testa uma fechadura.

Helena apenas assentiu.

- Boa noite.

Constança seguiu corredor abaixo, deixando para trás um rastro de perfume seco e ameaça civilizada.

Helena voltou-se para Dante.

- Sua tia me odeia.
- Ódio é mais honesto do que simpatia, aqui.
- Que ambiente agradável para um casamento.
- Eu nunca prometi agradável.

Não. Ele não prometera nada agradável. Nem simples. Nem limpo.

- Você vai continuar me respondendo pela metade? - perguntou ela.
- Hoje, sim.
- Então amanhã eu mesma procuro o resto.

Os olhos dele ficaram nela por um segundo longo.

- É isso que temo.

Ele se afastou antes que ela encontrasse uma resposta à altura.

Helena seguiu sozinha até o quarto.

Ao entrar, percebeu imediatamente que algo estava errado.

Não era bagunça. Era pior.

A cama continuava impecável. As cortinas fechadas como antes. A bandeja de chá sobre a mesa lateral. A bolsa exatamente onde ela a deixara.

Mas o ar do quarto tinha mudado.

Gente que vive reparando em pequenos desvios aprende a identificar isso sem saber explicar. Uma porta aberta e fechada por outra mão. Um objeto movido milímetros. A sensação de que o espaço já não pertence só a quem entrou por último.

Helena fechou a porta devagar.

Olhou ao redor com calma.

Foi até a penteadeira. Nada visível.

Cômoda. Intacta.

Armário.

Ela abriu a última gaveta e puxou a caixa de madeira.

O lenço manchado de sangue ainda estava lá.

Então a sensação não era paranoia.

Era confirmação.

Helena largou a caixa e foi direto à bolsa.

Abriu o bolso principal. Depois o interno. Depois o pequeno rasgo no forro onde escondera a chave.

Vazio.

O corpo inteiro endureceu.

Ela revirou a bolsa uma, duas, três vezes. Esvaziou tudo sobre a cama. Documento, batom, lenço, carteira, um caderno pequeno.

Nada.

A chave havia sumido.

Helena ficou imóvel por dois segundos. Três. Quatro.

Depois ouviu um ruído quase imperceptível vindo da janela.

Virou-se num impulso.

A cortina ondulou levemente.

Ela atravessou o quarto e puxou o tecido.

A janela estava fechada.

Mas, sobre o parapeito interno, havia uma pequena fita de cetim preta amarrada no fecho, como se alguém a tivesse deixado ali de propósito.

Helena tocou a fita com a ponta dos dedos.

Não pertencia ao quarto. Não estava ali antes.

Ouviu uma batida leve na porta.

Ela recuou da janela.

- Quem é?
- Sou eu - disse a voz baixa de Sara do lado de fora. - Abra, por favor. Rápido.

Helena hesitou por menos de um segundo e abriu.

Sara entrou apressada, pálida, olhando por cima do ombro antes que a porta se fechasse.

- Você ficou louca? - perguntou Helena, em voz baixa. - Se alguém nos vir...
- Já viram coisas piores aqui.

A criada respirava depressa.

Helena apontou para a cama.

- Mexeram nas minhas coisas. Levaram a chave.

Sara fechou os olhos por um instante curto, como se confirmasse uma desgraça já esperada.

- Eu sabia.
- Sabia o quê?
- Que eles iriam perceber.
- Eles quem?

Sara balançou a cabeça.

- Não fala alto.
- Então pare de me entregar metades. Todo mundo nesta casa parece viciado em frases incompletas.

O desespero da jovem cresceu no rosto.

- Eu não posso dizer tudo.
- Por quê? Tem medo de quem? De Constança?

Sara olhou para a porta. Depois para a janela. Depois de volta para Helena.

- De mais gente do que ela.

Aquilo não ajudava em nada, mas ajudava em tudo. Confirmava uma coisa: Constança não era a única ameaça.

Helena mostrou a fita preta.

- Isso significa alguma coisa?

Sara empalideceu ainda mais.

- Onde estava?
- Na janela.

A criada deu um passo para trás.

- Você precisa trancar essa porta.
- Eu já travei.
- Não essa. A do corredor é a menos importante.

Helena franziu a testa.

- Do que você está falando?

Sara apontou para a parede atrás da cabeceira da cama.

- Tem uma passagem de serviço antiga atrás daquele painel. Quase ninguém usa. Mas ela ainda abre.

Helena olhou para a parede e depois de volta para a criada.

- Você está me dizendo que alguém pode entrar aqui sem passar pela porta?

Sara assentiu.

- E já entrou.

O sangue de Helena gelou de forma limpa.

- Quem?

Sara balançou a cabeça com força.

- Não sei. Juro que não sei. Mas a fita preta...

Ela engoliu seco.

- Era dela.

O quarto pareceu encolher.

- De Evelina? - perguntou Helena, quase num sussurro.

Sara fechou os olhos. Lágrimas surgiram sem cair.

- Não diga esse nome alto aqui.
- Então é dela?
- Era o que ela usava no cabelo quando queria lembrar a si mesma que ainda mandava em alguma coisa.

Helena sentiu os dedos frios.

- Você a conheceu.

Sara demorou a responder.

- Quando eu era criança. Minha mãe trabalhava aqui. Ela dizia que a senhora Evelina era a única pessoa boa que já tinha mandado naquela casa.

“Mandado.”

Não apenas vivido.

Helena se aproximou um pouco mais.

- E o que fizeram com ela?

Antes que Sara pudesse responder, ouviu-se um som seco no corredor. Passos firmes. Mais de uma pessoa.

As duas congelaram.

Alguém parou do lado de fora.

A maçaneta foi pressionada uma vez.

Depois outra.

Helena sentiu o coração bater na garganta.

Sara levou a mão à boca.

Então uma voz feminina falou através da porta, calma demais:

- Helena, abra. Precisamos conversar sobre a chave que você perdeu.

Constança.

Helena virou-se lentamente para Sara.

A criada estava branca como papel.

Porque, até aquele instante, só havia duas formas de Constança saber da chave.

Ou alguém a tinha roubado para ela.

Ou alguém dentro do quarto, agora mesmo, ainda estava ouvindo tudo.
